

## A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO E DIVERSIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Iuri Remington de Souza<sup>1</sup>  
Francisco José Fornari Sousa<sup>2</sup>

### RESUMO

**Introdução:** Diversidade sexual e de gênero tem sido um tema constante na mídia, através das novelas, do cinema, da publicidade, dos programas de auditório para jovens, das revistas voltadas para o público adolescente etc., o que certamente tem forçado a escola a debater o tema, trazido às vezes espontaneamente pelos/as próprios/as alunos/as (DINIS, 2008).

**Objetivo:** Analisar a discussão de gênero e diversidade nas aulas de educação física escolar.

**Metodologia:** Pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica, onde farão parte 10 professores, 5 professores do gênero masculino e 5 do gênero feminino, da rede municipal do município de Otacílio Costa, S.C.. Como instrumento de coleta de dados será utilizado um questionário contendo sete perguntas fechadas e uma descritiva. Os dados serão analisadas através de estatística básica (f e %) e serão apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** Demonstram que metade dos professores tem o ensino superior e a outra metade são pós-graduados. Metade dos professores abordam os temas, todos acreditam na melhora do convívio dos alunos quando os temas são abordados e que a maioria presenciou, entreviu quando ocorreu algum tipo de *bullying*. **Conclusão:** Os temas de fato são importantes para serem trabalhados nas aulas de educação física, que nós professores temos o dever de evitar a exclusão dos alunos e devemos estimular a boa convivência dando oportunidade aos alunos serem eles mesmos sem correr o risco de sofrerem preconceito.

**Palavras-chaves:** Gênero. Diversidade. Educação Física.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>2</sup> Prof. Coordenador de curso e da disciplina de TCC I do Centro Universitário UNIFACVEST.

## THE IMPORTANCE OF GENDER DISCUSSION AND DIVERSITY IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION

Iuri Remington de Souza<sup>3</sup>

Francisco José Fornari Sousa<sup>4</sup>

### ABSTRACT

**Introduction:** Sexual and gender diversity has been a constant theme in the media, through soap operas, cinema, publicity, youth audiences programs, magazines aimed at the adolescent public, etc., which has certainly forced the school to debate the theme, sometimes brought spontaneously by the students themselves (DINIS, 2008). **Objective:** To analyze the discussion of gender and diversity in school physical education classes. **Methodology:** Descriptive and diagnostic field research, where 10 teachers, 5 male teachers and 5 female teachers, from the municipal network of Otacílio Costa, SC, will be included. As a data collection instrument, a questionnaire containing seven closed questions and a descriptive one. The data will be analyzed through basic statistics (f and %) and will be presented in the form of tables. **Results:** They show that half of the teachers have higher education and the other half are post-graduates. Half the teachers approach the subjects, all believe in the improvement of the conviviality of the students when the subjects are approached and that the majority witnessed, intervened when some type of bullying occurred. **Conclusion:** The topics are important to be worked on in physical education classes, that we teachers have the duty to avoid the exclusion of students and we should encourage good living together giving students the opportunity to be themselves without running the risk of suffering prejudice.

**Keywords:** Gender. Diversity. PE.

---

<sup>3</sup> Acadêmico do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>4</sup> Professor da disciplina de TCC do Centro Universitário UNIFACVEST.

## **1.INTRODUÇÃO**

Gênero é aqui entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres, ou, como conceitua (SOUSA; ALTMANN, 1999 apud Scott 1995, p. 71-99), é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que: “[...] fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana.”

Este trabalho fala sobre a importância da discussão de gênero e diversidade nas aulas de educação física. Analisando as ferramentas utilizadas pelos professores para que ocorram mudanças positivas e num bom convívio escolar.

Com o intuito de proporcionar o debate saudável, construindo um pensamento livre de preconceitos tanto dos professores quanto dos alunos.

Os temas são de suma importância porque abordam problemas que estão cada vez mais evidentes em nossa sociedade, são problemas que não afetam só a convivência nas escolas mas também no ambiente familiar e entre amigos. Mostra que não devemos estabelecer papéis de gênero, de que não existem coisas de homem ou coisas de mulher e que todos podemos fazer o que quisermos sem que sejamos repreendidos por uma sociedade heteronormativa.

Para isso será realizada uma pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica, onde farão parte 10 professores, da rede municipal do município de Otacílio Costa, S.C.. Como instrumento de coleta de dados será utilizado um questionário contendo sete perguntas fechadas e uma descritiva.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Educação física escolar, objetivos e funções**

A importância da Educação Física no contexto escolar deve-se ao fato de a escola ser a maior agência educativa, depois da família, com capacidade para influenciar os alunos na aquisição de hábitos e atitudes que contribuem para um harmonioso desenvolvimento pessoal e social. Nesse sentido, está comprometida com a solidariedade, a cooperação, a tolerância, a inclusão e o respeito pelo outro (CATUNDA; SARTORI; LAURINDO, 2014).

Segundo os PCN's (1997, p.52), o educador como cidadão: “Propor que a escola trate questões sociais na perspectiva da cidadania coloca imediatamente a questão da formação

dos educadores e de sua condição de cidadãos.”

Conhecer para pertencer ao grupo, conhecer para poder se relacionar e compartilhar experiências, conhecer para trazer ao grupo vivências de outros ambientes socioculturais. Pode-se incluir aqui a satisfação gerada pela possibilidade de exibir aos outros as conquistas realizadas, comparar desempenhos, viabilizar atividades competitivas, cooperar servindo de modelo e referência para a aprendizagem dos outros, utilizar esses conhecimentos em situações de recreação (BRASIL, 1998).

As referências sociais e culturais da Educação Física já estão presentes nos hábitos, valores, práticas, no lazer e nas tradições das sociedades modernas, constituindo-se numa representação social das atividades físicas e esportivas. Portanto, deve compor, desde cedo, o currículo escolar, de modo a refletir a cultura social em que está inserida (CONFEEF, 2014).

## **2.2 Gênero e Diversidade sexual**

Diversidade sexual e de gênero tem sido um tema constante na mídia, através das novelas, do cinema, da publicidade, dos programas de auditório para jovens, das revistas voltadas para o público adolescente etc., o que certamente tem forçado a escola a debater o tema, trazido às vezes espontaneamente pelos/as próprios/as alunos/as (DINIS, 2008).

De acordo com os PCN's (1997, p.81):

A sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. [...] As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação ou “julgamento” do mundo adulto em que está imersa, permeado de valores e crenças que são atribuídos à sua busca de prazer, o que comporá a sua vida psíquica.

Segundo o Mapa da Violência 2015 (Cabela/Flasco) o Brasil ocupa a 5ª posição entre os países com maior índice de homicídios femininos. Já o GGB (Grupo Gay da Bahia) diz que 343 LGBT'S foram mortos no Brasil em 2016, que levou a constatação de que a cada 25 horas um LGBT é assassinado no Brasil (MOTT; MICHELS; PAULINHO, 2017).

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado (BRASIL, 1997).

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos

sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus (BRASIL, 1997).

Se os corpos assumem a organização social, a política e as normas religiosas e culturais, também é por seu intermédio que se expressam as estruturas sociais. Assim, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico, um jeito de ser masculino e um jeito de ser feminino, com atitudes e movimentos corporais socialmente entendidos como naturais de cada sexo (SOUSA; ALTMANN, 1999 apud Connel 1990, p. 85-93).

Portanto, o processo de educação de homens e mulheres supõe uma construção social e corporal dos sujeitos, o que implica – no processo ensino/aprendizagem de valores – conhecimentos, posturas e movimentos corporais considerados masculinos ou femininos (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Há um consenso em interpretar o desporto como uma área de reserva masculina, onde as mulheres tendem a sofrer questionamentos em relação às identidades de gênero e sexual, além de sofrerem com o estereótipo da masculinização (DEVIDE et al., 2011, p. 93-103).

Esta questão nos remeteu a uma última temática identificada nos estudos de gênero: as reflexões sobre a construção sócio-histórica de *Estereótipos relacionados às práticas corporais* na EF no Esporte (DEVIDE et al., 2011, p. 93-103 apud PEREIRA, 2004). Tais estudos têm indicado que as modalidades esportivas sofrem um processo de generificação que as confere uma identidade masculina (p. ex. futebol) ou feminina (p. ex. dança), contribuindo para que homens e mulheres que se inserem em modalidades opostas ao seu gênero sofram discriminações.

Na escola a homofobia se expressa por meio de agressões verbais e/ ou físicas a que estão sujeitos estudantes que resistem a se adequar à *heteronormatividade*, conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993), para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante (DINIS, 2011, p. 39-50 apud WARNER).

No contexto educacional, o termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar, e o termo *bullying homofóbico* tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (DINIS, 2011).

### 3. METODOLOGIA

Neste trabalho se propõem desenvolver uma pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica, pois segundo Andrade (1999, p.106): “Uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada de coleta de dados, realizada principalmente através de questionários e da observação sistemática.”

Fizeram parte da pesquisa 10 professores, 5 professores do gênero masculino e 5 do gênero feminino, da rede municipal do município de Otacílio Costa, S.C..

Como instrumento de coleta de dados será utilizado um questionário contendo sete perguntas fechadas e uma descritiva.

Para fazer a análise dos dados será utilizada estatística básica (f e %) e os dados serão apresentados na forma de tabelas.

#### 3.1 Análise e discussão dos dados

A tabela 1 mostra o nível de formação dos professores de educação física, onde (n=5, 50%) possuem nível superior, (n=5, 50%) com pós graduação.

**Tabela 1. Formação.**

	f	%
Ensino Médio	0	0
Superior	5	50
Pós Graduação	5	50
Outros	0	0
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996):

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (LDB, 1996).

A tabela 2 mostra a idade de cada professor de educação física, onde (n=1, 10%) entre 18 a 21 anos, (n=2, 20%) entre 26 a 29 anos, (n=2, 20%) entre 30 a 33 anos, (n=1, 10%) entre 34 a 36 anos e (n=4, 40%) acima de 40 anos.

A tabela 3 mostra o gênero dos professores de educação física, onde (n=5, 50%) são do gênero masculino e (n=5, 50%) do gênero feminino.

**Tabela 2. Idade.**

	f	%
18 a 21	1	10
22 a 25	0	0
26 a 29	2	20
30 a 33	2	20
34 a 36	1	10
37 a 40	0	0
Acima de 40	4	40
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

**Tabela 3. Gênero.**

	f	%
Masculino	5	50
Feminino	5	50
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 4 mostra o tempo de serviço dos professores de educação física, onde (n=1, 10%) entre 0 a 3 anos, (n=2, 20%) entre 4 a 7 anos, (n=2, 20%) entre 8 a 11 anos, (n=1, 10%) entre 12 a 15 anos, (n=1, 10%) entre 16 a 20 anos e (n=3, 30%) acima de 20 anos.

**Tabela 4. Tempo de serviço.**

	f	%
0 a 3 anos	1	10
4 a 7 anos	2	20
8 a 11 anos	2	20
12 a 15 anos	1	10
16 a 20 anos	1	10
Acima de 20 anos	3	30
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Rossi e Hunger (2012, p. 323-38):

Fase de diversificação ou questionamentos (7-25 anos) Nessa ocasião o professor encontra-se num estágio de experimentação e diversificação, de motivação, de buscas de desafios. Experimenta novas práticas e diversifica métodos de ensino, tornando-se mais crítico. Pode se caracterizar, também, como uma fase de

questionamentos, gerando uma crise, seja pela monotonia do cotidiano da sala de aula, seja por um desencanto causado por fracassos em suas experiências ou por reformas estruturais.

A tabela 5 mostra se os professores de educação física conhecem ou já ouviu falar sobre discussão de gênero e diversidade, onde (n=10, 100%) dizem conhecer os temas.

**Tabela 5. Você conhece ou já ouviu falar sobre Discussão de Gênero e Diversidade?**

	f	%
Sim	10	100
Não	0	0
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2008, p. 477-492):

A inclusão do debate sobre a diversidade sexual e de gênero no espaço acadêmico ocorre desde meados dos anos de 1970 e deve-se, historicamente, à pressão dos grupos feministas e dos grupos gays e lésbicos que denunciaram a exclusão de suas representações de mundo nos programas curriculares das instituições escolares.

A tabela 6 mostra se os professores já abordaram os temas em sala de aula, onde (n=5, 50%) dizem ter abordado e (n=5, 50%) dizem não ter abordado.

**Tabela 6. Você já abordou esses temas em sala de aula?**

	f	%
Sim	5	50
Não	5	50
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2008, p. 477-492):

Minorias sexuais e de gênero também são temas ausentes no tocante aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Embora estes ressaltem a necessidade de se tratar a sexualidade como tema transversal, nada é mencionado, mais especificadamente, em relação à homossexualidade.

A tabela 7 mostra se os professores de educação física acreditam que se esses temas fossem abordados nas aulas ocorreria a melhora no convívio dos alunos, onde (n=10, 100%) dizem acreditar na melhora do convívio do alunos.

Segundo Dinis (2008, p. 477-492):

Sem uma referência explícita ao tema da discriminação contra homossexuais e outras diversidades sexuais (como travestis, transexuais, bissexuais etc.) no espaço escolar, resta ao/à educador/a apenas a interpretação da necessidade ou não da inclusão do tema a partir da leitura dos objetivos, já que pode interpretá-los apenas como a necessidade de questionar as representações sociais acerca do masculino e do feminino, sem mencionar outras práticas sexuais que sejam divergentes da norma heterossexual.

**Tabela 7. Você acredita que se esses temas fossem abordados nas aulas ocorreria a melhora no convívio dos alunos?**

	f	%
Sim	10	100
Não	0	0
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

A tabela 8 mostra se os professores de educação física já presenciaram em sua aula alguma forma de *Bullying* tanto por questão de gênero ou de orientação sexual, onde (n=9, 90%) dizem ter presenciado alguma forma de *bullying* e (n=1, 10%) diz não ter presenciado.

**Tabela 8. Você já presenciou em sua aula alguma forma de Bullying tanto por questão de gênero ou de orientação sexual?**

	f	%
Sim	9	90
Não	1	10
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2011, p. 39-50):

Na escola o *bullying homofóbico* tem resultado na evasão escolar de estudantes que expressam identidades sexuais e de gênero diferentes da norma heterossexual, e mesmo nas tentativas de suicídio de adolescentes em conflito com sua identidade sexual e de gênero, devido aos preconceitos e a discriminação sofrida no espaço escolar.

A tabela 9 mostra se o professor já interviu em uma situação de *Bullying* por questão de gênero ou Orientação sexual, onde (n=9, 90%) dizem ter intervido em uma situação de *bullying* e (n=1, 10%) diz não ter intervido.

**Tabela 9. Você já interviu em uma situação de Bullying por questão de gênero ou orientação sexual?**

	f	%
Sim	9	90
Não	1	10
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2011, p. 39-50):

Esse silenciamento, que se traduz também na omissão quando aparecem os casos de violência física ou verbal sofrida por estudantes que expressam sua diferença sexual e de gênero, é compartilhado pelas (os) professoras (es) que evitam discutir o tema

da diversidade sexual e de gênero nas escolas.

A tabela 10 mostra se os professores já reproduziram algum tipo de preconceito por questão de gênero ou de orientação sexual em sua aula, onde (n=10, 100%) dizem não ter reproduzido nenhum preconceito.

**Tabela 10. Você já reproduziu algum tipo de preconceito por questão de gênero ou de orientação sexual em sua aula?**

	f	%
Sim	0	0
Não	10	100
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2011, p. 39-50):

Uma das principais vítimas no processo de evasão escolar também são as adolescentes travestis e as (os) adolescentes transexuais que dificilmente conseguem terminar seus estudos, sendo forçadas (os) a abandonar a escola, já que diferentemente de adolescentes gays e lésbicas, têm mais dificuldade em esconder sua diferença, tornando-se as vítimas mais visíveis dessa violência escolar.

A tabela 11 mostra se os professores acreditam que esses temas devem ser trabalhados nas aulas de educação física, onde (n=10, 100%) dizem acreditar que os temas devem ser trabalhados nas aulas.

**Tabela 11. Você acredita que esses temas devem ser trabalhados nas aulas de educação física?**

	f	%
Sim	10	100
Não	0	0
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2011, p. 39-50):

A dificuldade em falar sobre a diversidade sexual é também uma dificuldade de educadores e educadores em conhecer a própria sexualidade e suas múltiplas possibilidades de obter prazer. Questionar a sexualidade, seja ela hetero ou homossexual é entendê-la como uma construção em constante negociação com o outro e como social e esse pode ser um passo fundamental para problematizar e pluralizar a sexualidade, compreendendo o processo que leva à formação das diversas identidades e desconstruir os pressupostos da heteronormatividade, outra justificativa bastante comum utilizada por educadoras e educadores para excluir o tema da diversidade sexual das discussões do currículo é a ideia de que as identidades sexuais pertencem ao domínio da vida privada.

A tabela 12 mostra qual a opinião dos professores de educação física sobre o porque desses temas não serem trabalhados nas aulas, onde (n=5, 50%) dizem ser por falta de conhecimento tanto dos professores quanto da escola e (n=5, 50%) dizem ser pelo fato do

preconceito sobre os temas tanto dos professores, escola e familiares dos alunos.

**Tabela 12. Em sua opinião porque esses temas não são trabalhados nas aulas de educação física?**

	f	%
Conhecimento	5	50
Preconceito	5	50
Total	10	100

Fonte: dados da pesquisa.

Segundo Dinis (2011, p. 39-50):

Essa ignorância sobre o tema, assim como a presunção assumida por professoras (es) de que a escola só deva discutir assuntos universais, sendo somente a norma da heterossexualidade concebida como natural e universal, exclui a sexualidade de estudantes LGBTTs e faz com que a diversidade sexual e de gênero seja um tema excluído do currículo, mesmo das aulas de Educação Sexual.

#### 4. CONCLUSÃO

O trabalho falou sobre a importância da discussão de gênero e diversidade nas aulas de educação física. Onde os temas são de suma importância por abordarem problemas que estão cada vez mais evidentes em nossa sociedade, mostrando que não devemos estabelecer papéis de gênero.

Os resultados da pesquisa demonstram que metade dos professores abordam os temas, que todos acreditam na melhora do convívio dos alunos quando os temas são abordados, de que a maioria presenciou e entrevistou quando ocorreu algum tipo de *bullying*, sendo que nenhum professor diz ter reproduzido nenhum preconceito.

E que todos acreditam ser necessário trabalhar os temas nas aulas e que isso só não ocorre com frequência pela falta de conhecimento dos professores e o preconceito tanto da escola e dos familiares.

Dado o exposto conclui-se que os temas de fato são importantes para serem trabalhados nas aulas de educação física, que nós professores temos o dever de evitar a exclusão dos alunos e devemos estimular a boa convivência dando oportunidade aos alunos serem eles mesmos sem correr o risco de sofrerem preconceito.

#### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 4.ed.

São Paulo, SP. ATLAS 1999.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.146p.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 114 p.

CATUNDA, R.; SARTORI, S.K.; LAURINDO, E. **Recomendações para a Educação Física Escolar**. 2ed. Rio de Janeiro: Sistema CONFEF/CREFs, 2014.

CONNEL, Robert W. “Como teorizar o patriarcado?”. Educação e Realidade, v. 15, no 2. Porto Alegre, jul./dez. 1990, pp. 85-93. Número Especial Mulher e Educação. In: SOUSA, E.S.; Altmann H. **Meninos e meninas:** Expectativas corporais e implicações na educação física escolar - Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acessado em: 26/04/2017.

DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual** - Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf>. Acessado em: 26/04/2017.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação:** Quando a omissão também é signo de violência - Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>. Acessado em: 26/04/2017.

LDB - Leis de diretrizes e bases: **Lei nº 9.394**. 1996. Art.62. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acessado em: 03/10/2017.

MOTT, L.; MICHELS.; PAULINHO. **Relatório 2016:** Assassinatos de LGBT no Brasil - G.G.B., Salvador, BA, Brasil, 2017. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relate3b3rio-2016-ps.pdf>. Acessado em: 29/03/2017.

PEREIRA, S. A. M. O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. 2004. (Doutorado em Educação Física)-Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. In: DEVIDE, Fabiano Pries et.all. **Estudos de gênero na Educação Física Brasileira** - Motriz, Rio Claro, v.17 n.1 p.93-103, jan./mar. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n1/a11v17n1>. Acessado em: 26/04/2017.

ROSSI, F; HUNGER, D. **As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física** - Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.323-38, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/14.pdf>. Acessado em: 16/11/2017.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. Educação e Realidade, v. 20, no 2. Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 71-99. In: SOUSA, E.S.; Altmann H. **Meninos e meninas:** Expectativas corporais e implicações na educação física escolar - Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acessado em: 26/04/2017.

SOUSA, E.S.; Altmann H. **Meninos e meninas:** Expectativas corporais e implicações na educação física escolar - Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acessado em: 26/04/2017.

WARNER, Michael. *Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. In: DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação:** Quando a omissão também é signo de violência - Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04>. Acessado em: 26/04/2017.

WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil** - Flacso Brasil. 1ed. Brasília, DF, Brasil, 2015. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf). Acessado em: 29/03/2017.